

Maristela Bernardo

O sociólogo Fernando Henrique brilhou na entrevista concedida a Roberto Pompeu de Toledo, na última *Veja*. Foi, talvez, a mais interessante, aberta, provocativa e bem fundamentada reflexão sobre o país, feita nos últimos tempos, e ao alcance de todos, vendida em bancas. Não dá, porém, para chegar ao exagero de considerar as análises do sociólogo como a doutrina efetiva do governo do presidente. Mas dá para pegar no ar a sugestão do entrevistado e fazer coro com ele: é preciso um diálogo mais desinibido, é preciso um esforço coletivo para colocar os temas novos no Brasil e, principalmente, discutí-los de maneira nova, coerente com a necessidade de compreensão do mundo e da dinâmica social contemporânea, compreensão essa que não mais se satisfaz com os padrões de análise e de comportamento político que serviram de receituário até os anos 80.

Até com certo didatismo, Fernando Henrique se coloca como um pensador de última geração para as grandes questões atuais: globalização, mudança social e revolução num contexto de quebra não visível e linear da ordem estabelecida; natu-

reza do processo produtivo; exclusão; democracia, política e partidos; direita e esquerda.

É, assim, coerente com o desafio de pensar desinibidamente. Anthony Giddens (*Para Além da Esquerda e da Direita*), que Fernando Henrique cita várias vezes, pergunta se realmente estão surgindo princípios éticos mais ou menos universais que tendem a unir todas as perspectivas fora dos domínios dos diversos fundamentalismos. E ele mesmo afirma sua crença de que sim, isso está acontecendo, principalmente porque tal conclusão desafia a sabedoria convencional do momento. Se, de um lado da ordem globalizante, estão a imprevisibilidade, a incerteza artificial, a fragmentação, de outro estão valores compartilhados, marcados pela aceitação da diferença.

Mas a prática impõe suas armadilhas. Descobrem-se, por exemplo, fundamentalismos presidenciais sob o discurso fascinante do sociólogo. Quase dá para esquecer que o presidente e seus próximos esterilizam a maioria das oportunidades de ampliar a discussão, sob argumentos fáceis de que estão sendo criticados injustamente. Ninguém mais do que o

presidente adjetiva seus críticos e os desqualifica, em vez de responder e, se for o caso, desmontar de maneira mais consistente os argumentos que considera equivocados. Isso aparece na entrevista, quando se queixa da falta de compreensão “dos inteligentes”, dos intelectuais, dos acadêmicos. Como se, por serem inteligentes, tivessem a óbvia obrigação de concordar com ele.

Da mesma maneira, o sociólogo faz uma excelente avaliação dos tropeços e impasses da esquerda e se identifica com o que chama de verdadeira esquerda, aquela que quer mudança e reforma. Mas não é tão eficiente — fica até um pouco estranho, dá a impressão de que entra, de repente, em certo delírio intelectual — quando fala do exercício concreto da Presidência. Quer ideologia, valores. E manifesta, vejam bem, “horror” ao “poder dos conservadores”, da clientela, da nomeação. Não sei não, mas alguém tem que assumir a tarefa dolorosa de avisar ao presidente que estão acontecendo coisas que causam horror ao sociólogo.

Reconhece, contudo, que sua função é limitada por uma resistên-

cia passiva, burocrática, silenciosa, um bloqueio de caminhos técnicos. Reconhece também que o presidente tem uma posição privilegiada no sistema político-sócio-cultural. O de ter acesso à sociedade e de exercer sua habilidade de persuadir. Esse é o ponto. A entrevista a *Veja* mostra que Fernando Henrique, sociólogo/presidente, poderia ser mais do que efetivamente temos. Está claro que seu papel, como impulsionador de um esforço coletivo por um novo país, não está sendo cumprido, por mais que ele ache que sim. E não está naquilo que mais importa e que ele mesmo aponta: na sua capacidade de transmitir conceito, visão de mundo e ideologia, enquanto liderança política e não apenas como sociólogo. Mas está claro também que ele poderia ir além.

O presidente Fernando Henrique deveria dar entrevistas, com essa profundidade, mais vezes. Quem sabe é disso que ele precisa: oportunidades para colocar as idéias em ordem.

■ Maristela Bernardo é jornalista e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília